

ALVORADA

2.º Ano

SEMANÁRIO REPUBLICANO

Número 95

Editor,
Dr. Alberto Rodrigues
Redacção e administração
Rua da República
GUIMARÃES

Redactor principal,
A. L. de Carvalho
Propriedade da Empresa da ALVORADA
Guimarães, 12 de Setembro de 1912

Secretário da redacção,
Capitão L. A. Pina Guimarães
Officinas de composição e impressão
Tipografia Minerva Vimaranesa
R. DE PAIO GALVÃO

Luta pela vida

Ao operariado português, trabalhador, consciente e honesto, anda ligada uma classe dissolvente de elementos pseudo-revolucionários. De duas espécies são esses *revolucionários*—os que se dizem cooperadores no movimento de 5 de Outubro, e portanto revolucionários *amigos* da República, e os revolucionários anarquistas e conseqüentemente inimigos de toda e qualquer república. Como quer que seja uns e outros sollicitam freqüentemente do governo emprego e colocação em obras do Estado, ou melhor—em obras que o Estado cria inoportuna e dispendiosamente para os colocar, impondo e alegando a sua qualidade de revolucionários, quando é certo que, nessa qualidade, nada deviam *exigir* ou pedir da República. Se a ajudaram a implantar, nem por isso se devem julgar credores do país. Mal de nós e da República se qualquer indivíduo, pelo simples facto de ser republicano, se arrogasse um tal direito; voltaria outra vez o devorismo sôfrego dos cofres públicos. Se os revolucionários são do *tipo* anarquista e portanto inimigos irreconciliáveis de todo o Estado constituido, menos razão teem que os republicanos para requerer empregos do governo da República.

Mas o certo é que a cada passo os vemos a esses «*revolucionários*», pelas arcadas do Terreiro do Paço, verberando a falta de trabalho e sollicitando, reclamando, exigindo do chefe do governo e dos ministros colocação imediata, em nome dos *seus* direitos soberanos. Parece, à primeira, que alguma razão assiste a esses indivíduos, quando outra não seja—o direito ao pão e as insuperáveis necessidades da vida. Em troca eles dão ao Estado o seu trabalho, o esforço criador dos seus músculos, o suor extenuado do seu rosto. Isto parece.

Porém, a triste verdade é esta: um dia um fadista qualquer, depois duma rixa com a amante sem dinheiro, desce os bêcos tortuosos de Alfama e entra a gingar no ministério, reclamando um emprego. Anuncia-se *revolucionário* e *artífice*—carpinteiro, caiador, pedreiro ou qualquer outra coisa que lhe vem à cabeça—e, se é atendido na petição (o que quasi sempre acontece), vai *passar* um tempo, uma semana, o máximo, porque não tem paciência para mais, para cima dum andaime, corrompendo, com falsidades, trabalhadores mais ou menos honestos, sugando na *beata* imunda, coçando as melenas empastadas e auferindo, pelo menos, quinhentos réis diários, sem fazer *absolutamente* nada! Isto é a expressão da verdade. Eu próprio tenho observado de perto, com espanto e assombro, as faculdades de trabalho desta espécie de indivíduos.

Pois são estes os elementos revolucionários que tanto teem prejudicado o operariado português, homens sem uma moral, sem princípios nem ideais, apregoando enormidades perigosas que são o produto de teorias mal interpretadas e deficientemente compreendidas; são estes elementos perturbadores que, por vezes, teem arrastado, arrebanhado o operário à greve violenta, à arruaça, ao motim, à *sabotage*, aos conflitos em que eles são sempre os mais lesados, posto que a República e a vida nacional com isso sofra também.

E' esta espécie virulenta, esta minoria intrusa que o operariado precisa expurgar, afastar de si. Mal vai guiando-se por tais mentores, inimigos declarados do trabalho. E' mau caminho para conseguir levantar-se, fortalecer-se, educar-se, progredir.

Mário Cardoso.



Uma heresia

Escreveu-se algures, cremos que no «Comércio», que um usurário escondera grande porção de milho dentro dum pipo e vai esse pipo como tivesse borras ainda mal secas o milho estragou-se. Pois senhores: a referida gasetta julgando asado o momento para prestigiar, para engrandecer, para mostrar, em suma, o grande poder divino, diz a isto que foi um castigo... de Deus!

E' evidente que semelhantes baboseiras, que tam descaroados disparates não resistem à crítica mais leve, ao raciocínio mais elementar: j' entanto digam-nos lá se não era bem mais perfeita obra de Deus que o milho escondido em vez de estragar-se, sem proveito, se evolasse, limpo e bom, para casa do pobre da mesma freguezia?! Por que não de ofender a Deus atribuindo-lhe disparates!

Lisongeiras referências

O brilhante diário lisbonense, «República», fez no seu número de 6 do corrente as mais lisongeiras referências ao Internato Municipal, adjunto ao liceu nacional desta cidade, citando, a propósito, as palavras elogiosas do sr. António José de Almeida, por ocasião da sua visita àquêlê estabelecimento e que a «Alvorada» então arquivou como atestação inusitada e valiosa de que o nosso Internato era e é uma modelar casa de educação e ensino.

E' nos agradável registar as encomiásticas referências, posto que justas, do aludido diário, por isso que, deste modo, se irá tornando cada vez mais conhecido o magnífico instituto.

Homenagem ao Brazil

Uma comissão composta dos ilustres cidadãos Sebastião de Magalhães Lima, António Xavier Correia Barreto, António Arroio e outros, acaba de dirigir uma circular ao presidente da Câmara Municipal deste concelho, pedindo-lhe a sua valiosa cooperação para a homenagem que deseja prestar ao Brazil, no fervoroso intuito de imprimir a esse preito de admiração e carinho um cunho bem nacional.

Esta nobilíssima e patriótica manifestação, que consistirá em publicamente e dum modo solene se realizar a entrega, ao povo irmão, que tantas provas de amor nos tem tributado, dum trabalho de

arte em que vá, por assim dizer, a alma portuguesa inteira, destinada a significar ao Brazil a sincera expressão do nosso acendrado afecto e solidariedade.

Para este fim está aberta uma subscrição pública no edificio dos Paços do Concelho e sala das sessões da Câmara Municipal, e nós cremos que este apêlo será bem acolhido por todos os que reconhecem que o Brazil é merecedor das nossas homenagens—de gratidão e carinho.

Não teem rasão!

Há por aí quem, em surdina, faça reparos quanto à hora de entrada do administrador do concelho para a sua repartição.

Em verdade os exemplos devem vir de cima, porque, como canta o poeta—«tal arvore, tal fructo».

Mas, se esses que falam em surdina soubessem apreciar quanto trabalho exige, na conjuntura, o serviço da ordem pública; se de perto conhecessem quão esgotantes e canceirosas teem sido certas investigações e diligências, por sem dúvida que modificariam os seus reparos—já não ser que como o velho da fabula esses seniores *valhem de tudo, tenham ou não tenham rasão!*...

A feira do pão

É de molde a satisfazer o actual local onde se realisa esta feira? Não é. No verão demasiadamente exposto à soalheira e no inverno convertido em sujo lamaçal, o actual lugar onde se realisa a feira do pão não satisfaz—senão aos vizinhos.

Para onde, pois, deve passar a feira?

Se houvessemos de a este propósito abrir plebiscito, a maioria dos votos (sensatos!) seria para que ela mudasse para o Largo da Misericórdia. Ali, sim, que satisfazia não só pela condição abrigada e central do lugar, como também pelas vèrtes de conveniência para o comércio. Durante muito tempo se suportou o irrisório espectáculo de ver o monumento de um rei conquistador entre sacos e maceiras; temporariamente se deixou para um canto da cidade um mercado que é também um quadro de vida sempre emotivo aos olhos de extranhos; tempo é, portanto, que se emende a mão ordenando que a feira passe para onde de direito ela deve ficar. A Câmara, ao critério e *independência de vistas* dos senhores vereadores oferecemos a resolução deste assunto.

A catástrofe de Clarence

Enchem de pavor os mais indiferentes as notas que os jornais publicam acerca das repetidas explosões de grisé, e suas terríveis conseqüências, num dos poços da mina de Clarence.

Esta horrorosa catástrofe, bem semelhante à de Courrières, que

ainda está na memória de todos, assinala-se lugrubemente pelo crescido número de vítimas que produziu.

E é isto constantemente. Os desgraçados que, no fundo da trágica mina, sem ar, sem luz, moirejam sem cessar para auferir o magro salário com que adquirem o pão de que carecem e os seus, são a cada passo surpreendidos por medonhas catástrofes que lhes roubam a vida e lançam na miséria as suas inditasas famílias.

Coitados! A sorte é para vós duma dureza revoltante!...

Viver assim é...

A Sociedade M. Sarmiento se quizesse cumprir e satisfazer os fins para que existe, tomava a iniciativa de organizar uma cantina escolar, contribuindo assim grandemente para o desenvolvimento da instrução popular no concelho—como em sub-título se diz promover.

João Gualdino Pereira

Sentimos profundamente o passamento deste cidadão porque ele sabia ser um homem de sociedade, conhecendo-a como poucos e prestando-lhe por isso serviços que podem e devem considerar-se relevantes.

A nossa terra sofreu, com a morte de João Gualdino, o abalo que deve sofrer um edificio regularmente construido e a que fôsse, repentinamente, retirado um dos suportes que o sustinham firmemente de pé, desafiando o tempo e as convulsões que as grandes tempestades originam.

O seu feitio, a sua modalidade em perfeita concordância com o sentir dos seus concidadãos, porque ele sabia, pela sua inteligente perspicácia, amoldar-se às necessidades de momento, sem contudo perder nunca o seu natural *aplomb* que o distinguia entre a multidão dos seus iguais, tornaram-no respeitado e até querido por forma tal que, numa terra como a nossa, tam pobre hoje de homens da sua tempera, deve dizer-se que a sua morte produziu um vácuo bem difficil de preencher.

Ha um ano já, depois que bruscamente fôra acometido por uma terrível doença que quasi o prostrára para não mais se levantar, havia ele perdido aquela presença de homem robusto, que todos lhe notavam, aquela vivêza que o denunciava como possuidor duma actividade pouco vulgar, até que, no sábado passado, após nova e inesperada investida da enfermidade que cruelmente o tinha atingido, veio a morrer na sua linda quinta da Amorosa, onde costumava passar uma grande parte do estio.

O funeral do nosso ilustre amigo, que foi muitíssimo concorrido, effectuou-se no templo do Campo da Feira, desta cidade, por volta das doze horas de segunda-feira passada.

CARTA DE LONGE

Não obstante estar ausente de Guimarães o director deste jornal, sr. A. L. de Carvalho, publicamos em seguida, por lialdade, uma carta que recebemos do sr. dr. Alfredo Pimenta e que aquêlé é dirigida.

Essa carta contém porventura referências a que talvez o nosso director desejasse responder desde já; mas como está longe e o tempo escasseia, é o fará depois, se o julgar necessário e conveniente. Eis a carta:

Meu caro amigo Carvalho:

Ontem, a noite, á volta da estopante e fatigante massada do ministério, em casa já, entregaram-me a *Alvorada*, jornal que o meu amigo muito distintamente dirige. E não sei porquê, caíram-me os olhos sobre a local intitulada *Progresso... de caranguejo*. Li-a e com espanto vi que o meu amigo apelava para mim, como se eu pudesse, valesse ou fosse alguma coisa. E ainda eu não estava refeito dessa estranheza, quando deparei com o artigo de fundo assinado gravemente, solenemente, pelo deputado por Guimarães, sr. dr. Eduardo de Almeida. Leio a *Alvorada* desde o seu início. E visto como nestes 04 números que ela conta já, não me lembro de qualquer artigo do deputado por Guimarães, logo concluí que esse artigo devia ser soléne, devia dizer alguma coisa, devia trazer água no bico... Durante tantos meses calado, éle que neste momento de paz pôde falava, é que alguma coisa queria dizer. E de facto...

Confesso que é com certo acanhamento que lhe bato á porta, meu amigo. A *Alvorada* milita num partido que não é o meu, num partido que eu combato tanto quanto posso, por considerar absolutamente prejudicial para o país, para a consolidação da República e para a sua estabilidade, a sua orientação política. A *Alvorada* tem por director o meu amigo, a quem conheço há muitos anos, que vem comigo, sem que eu o abandonasse um minuto só, desde os afastados tempos da propaganda, desde os longínquos tempos do sonho, do ideal distante, e que só me abandonou quando entendeu que eu, estando onde sempre estive, estava mal. O meu amigo não esqueceu por certo o que em Guimarães se deu, logo após a proclamação da República, e o papel de conciliador, de harmonizador, de pacificador que aí desempenhei, sem maltratar ninguém, defendendo todos até aqueles que eu menos obrigação tinha de defender. Sabe para que provoquei uma conferência no Hotel do Toural, os intuitos que me animaram e as palavras de censura que aí se proferiram contra quem, hoje, talvez, não hesite em afirmar, como o sr. dr. Eduardo de Almeida, que eu, na propaganda republicana em que continuei, sou movido pela pequena e ridícula aspiração de ser ministro!

Por outro lado, tem de entrar na baila Eduardo de Almeida. Ora eu quereria ter sempre motivos para cercar o nome deste rapaz de palavras de verdadeiro e justo elogio. Vimos, desde crianças, um ao lado do outro, escrevinhando as primeiras tolices de meninos de colégio, experimentando as primeiras estúrdias de moços atrevidos, hoje colaborando em panfletos de critica demolidora e firme, amanhã, lendo juntos horas e horas o seu primeiro romance... Tudo são coisas que difficilmente esquecem. Um dia, formados ambos, separamo-nos. E a distancia, os meios diferentes, as tendências diversas, tudo isso nos separou para nunca mais tornarmos a ser o que tínhamos sido. A sua fé política abrandara.

O indiferentismo vencera-o. A atmosfera da politica vimaranense abafava-o e empolgava-o. Eu tinha apagadas, nevoentas noticias dele... Eu não conseguí, por mais tentativas que fizesse, que éle viesse para os tablados do comício ou para as colunas dos jornais, prégar a doutrina da libertação. Eu convidava-o, insistia com éle para que viesse, mas encontrava sempre, sempre, o seu retraimento doentio e que me alarmava. Eu, ou porque fosse mais teimoso ou porque já me inspirasse a pequena e ridícula aspiração de ser ministro, mantive-me, através de todos os sacrificios, no que eu considerava o meu lugar, ensinando, prégando, escrevendo e—passando á porta da minha familia para a ver fechada, tam resolutamente que ainda hoje se não abriu. Mas veio a República, e eu constatei que Eduardo de Almeida, deslumbrado com a evidencia dos factos e vencido pelo entusiasmo da revolução, saíra do seu retraimento, do seu indiferentismo, e vinha lançar-se na maior agitação politica—administrar o concelho de Guimarães. Tenho boa impressão da politica que fez. Fez a que eu faria; fez a que eu fazia hoje, se, hoje, fosse chamado a desempenhar essas funções. É claro que essa politica desagradou completamente aos seus amigos politicos de hoje. Ouvi-as boas e bonitas, aos seus amigos de hoje, por causa dessa politica. E dessas opiniões, manifestaram-se alguns ecos na imprensa de Lisboa. Mas Eduardo de Almeida estava cheio de actividade, pois que o vi eleito deputado. Achei bem, tanto mais que não via em Guimarães pessoa mais idónia para desempenhar essa alta função politica. Mas achei muito mal, porque não percebi, então, como não percebo, hoje, como não perceberei nunca, quando o vi, logo após a eleição presidencial, enfileirar com os demagogos do sr. Afonso Costa.

O Eduardo de Almeida que eu conhecêra, retraído, indiferente, quasi fradresco; o Eduardo de Almeida que fizera em Guimarães, como administrador, uma politica de conciliação, de ordem, de confiança, de paz e de entendimento; o Eduardo de Almeida que se afirmava leitor de Comte e partidário da maior tolerância—enfileitava com quem era a negação absoluta de tudo isso, desde o chefe, desarvorado ferrabraz, até ao mais pequeno dos seus soldados? Não nego que fiquei assombrado quando o vi ter por orgão o *Mundo*, e perguntei-me que transformação se teria operado no espirito daquele rapaz? Disse-lho muitas vezes, nunca lho escondi. Hoje, digo-o aqui com a mesma tranquillidade com que em conversas lho disse já. Mas o facto estava consumado. Eduardo de Almeida representava em Guimarães o espirito jacobino, estreito, fechado; e de tal modo que os que na véspera o consideravam talassa e protector de talassas, passavam a rodia-lo, a aclama-lo, a entusiasma-lo. Fui a Guimarães várias vezes. Nunca da minha boca saiu uma palavra desprimorosa para esse homem, nem nas minhas palavras houve qualquer sentido em magua-lo, em atingi-lo, em contraria-lo. Através do politico, eu via o amigo doutras eras, o correligionário da véspera, que me deixara sósinho, exposto aos insultos e ás insinuações, e enfileirava com a turba revolta e má, demolidora e inconsciente. Eu nunca o combateria pelo prazer de o combater. E se algum dia tivesse de ir contra éle, eu iria sempre com aquele carinho, aquela delicadesa, aquela atenção que devemos aos que já viveram junto de nós alegrias e desastres...

Compreendo o meu amigo, pois, o meu espanto quando li o artigo da *Alvorada*—Os Politicos e a Política nacional—. E justificado fico o meu acanhamento, ao pedir-lhe um pouco do seu jornal para dizer da minha justi-

ca. Você compreende: eu fóra a Guimarães coordenar os primeiros elementos para a constituição e organização do Partido Republicano Evolucionista. Não me escondera de ninguém, não ocultara a ninguém os fins da minha visita, e não lancei mão, durante eia, nem depois dela, dos processos que os outros costumam pôr em prática. E porisso com grande espanto meu, vi o artigo soléne que o sr. dr. Eduardo de Almeida entendeu dever escrever, éle que nunca escrevera, atacando com armas deslialis o Partido Evolucionista, éle que sempre combatera a deslealdade na guerra, lançando sobre mim suspeitas de ridículas ambições, éle que deve saber que se algum de nós é ambicioso, não o sou por certo eu. Esse artigo é desgraçado pela incoerência. E mais parece obra dos jornalisticos politicos da terra portuguesa—onde éles abundam pavorosamente—do que duma criatura que se tem por razoavelmente culta. No mesmo artigo em que prega a concentração, o entendimento de todos, éle fala venenosamente na compaixão de que certos lançam mão para fins unicamente eleitorais, e na calúnia, na lama e no nojo em que desvairadas ambições chafurdam. Não sendo de presumir que isto se refira ao sr. Afonso Costa e aos seus amigos, é evidente que se refere aos... outros, a nós evolucionistas. Ninguém deu o direito ao sr. Eduardo de Almeida de suspeitar da nossa intenção, a não ser que éle, expontaneamente, nos queira colocar na situação de suspeitarmos constantemente das intenções que o inspiram.

O jacobinismo tanto o preverteu, tão completamente o cegou já, que o leva a esquecer a sua posição e o respeito que a si mesmo deve. O silêncio do deputado por Guimarães, tão longo, tão estranhável, foi quebrado para ferir quem nunca o feriu, para magoar quem sempre o poupou.

Não escondo, meu amigo, a tristeza que me invade e me envolve o coração. Eu teimo em vêr, por sob a capa do politico, o meu amigo doutras eras, aquêlé em quem cheguei a pôr o melhor da minha confiança, o melhor das minhas esperanças. Se eu visse nêle apenas o adversário, ao reproduzir para aqui a tortuosa insinuação final do seu artigo, eu perguntar-lhe-ia muito claramente, de face bem erguida, de olhos bem fitos nos seus olhos:—quem tem pequenas e ridículas aspirações? o senhor que, nas horas adversas se fechou em casa, em quanto eu, cá fóra, na rua, lutava, ou eu que, nas horas do triunfo, me metia em casa, enquanto o senhor, açodadamente saía da sua, para que a administração do concelho lhe fosse parar ás mãos e a ocasião de vir ao Parlamento se não perdesse?

Como é triste, lamentável, desgraçado, que eu me veja forçado a pensar nisto e—ainda mais!—a escreve-lo! Com que repugnância, pela primeira vez na minha vida!—me sentei á mesa para escrever! Nunca me passou pela ideia que um dia chegaria em que eu tivesse de levantar uma luva atirada por Eduardo de Almeida.

Vou aprendendo. Vou aprendendo, simplesmente não conseguindo ainda saber a razão da sua atitude. Faço-lhe ainda a justiça de não o supôr desejando e querendo ser o dono de Guimarães. E assim, não encontrando a razão da sua atitude no receio de que eu pudesse restringir-lhe a influencia, diminuir-lhe o dominio, apoucar-lhe a importância, porque se melindraria tanto o sr. Eduardo de Almeida com a organização do Partido Evolucionista—e porque é que você, meu caro amigo, diz á Associação Commercial que se me dirija, a mim que nada sou, nada valho, nada posso, a mim que nada tenho, se

não a ridícula e pequena aspiração de ser ministro?...

A politica portuguesa vai mal, meu caro amigo. E é pena...

Desculpe o espaço que lhe roubei, bem involuntariamente e contrariadamente, porque por minhas próprias mãos abafei no coração, a voz sagrada da amizade. Mas se o não fizesse, podia passar por cobarde ou por tólo. E, mercê do caprichoso acaso, nem tólo nem cobarde sou.

Amigo certo

Alfredo Pimenta.

Dafundo,
8—Setembro—1912.



O aniversário da proclamação da República

Informam-nos de que será muito festejado nesta cidade o aniversário da proclamação da República.

Para esse fim já foi iniciada uma subscrição que tem sido bem acolhida por parte de todos os que desejam colaborar na comemoração da gloriosa data histórica.

Escola Industrial

Já foram afixados editais annunciando estar aberta a matricula desde 15 a 30 do corrente.

Martinho de Souza Lobo

Com sua familia retirou para Aveiro este nosso querido amigo, filho do estimado secretario de finanças que, como anunciamos, requerera passagem para aquela cidade. Martinho Souza Lobo era um rapaz de fina convivência, muito ilustrado, sendo por isso deveras sentida a sua falta por aquêles que, como nós, com éle privavam de perto. Que a pátria dos varinos e mais de José Estevão o não roubem de todo á nossa terra, pois bem quizeramos mais possuí-lo que perdê-lo.

Maticulas no Liceu

No Liceu desta cidade acha-se afixado um edital annunciando a abertura de maticulas de frequência no próximo ano lectivo de 1912-1913, indicando todas as instruções necessarias.

O praso é de 10 a 25 do corrente.

A. L. de Carvalho

A fazer um mez de saúde encontra-se na praia da Póvoa de Varzim o nosso redactor-principal.

Publicações

Recebemos um desenvolvido opúsculo do «Internato Académico de Coimbra». Agradecimentos.

Partida

No passado domingo partiu para Aveiro, onde vai desempenhar o cargo de secretario de finanças, o sr. Domingos Pereira Pinto de Sousa Lobo, que neste concelho exerceu o mesmo cargo.

A despedida foi muito afectuosa, comparecendo na estação do caminho de ferro grande numero dos seus amigos.

Falecimento

Faleceu há dias nesta cidade o sr. Alberto Alves da Silva, geralmente estimado entre nós.

A sua familia apresentamos a expressão do nosso pesar.

Teatro Gil Vicente

E' no próximo domingo que, nesta casa de espectáculos, sobe

á scena a hilariante comédia em 3 actos «Casa de Doidos» e a opereta em 1 acto «Os Dois Nênes».

LEMBRANDO...

Para êsses que morrem de amores pela restauração monárquica, julgando-a um céu aberto neste desgraçado país que o velho regimen acabou por levat á extrema penúria moral, material e financeira, não é demais abrir-lhes os olhos de vez em quando com o procedimento dessa monarquia que supõem ou fingem ignorar isenta de processos por éles só atribuidos á República, que apenas tem pecado por demasiado generosa.

Oferecemos, porisso, este bocado de prosa extraída da carta de Alpoim para o «Janeiro» de 27 de Agosto, apreciável pelo lado histórico, e que veio a propósito do entendimento havido entre D. Miguel I e os republicanos, em contraste com o procedimento do actual descendente, aliando-se aos constitucionais por éles insultado, espoliado e condenado á morte:

«Arrancara-lhe o trono (a monarquia constitucional) e todos os seus haveres; decretará que, se entrassem em Portugal, éles e os seus descendentes seriam fuzilados, em vinte e quatro horas, por processo verbal e sumário. Não há nada mais afrontoso e cruel: a expulsão da pátria, a perda dos bens patrimoniaes e particulares, o fuzilamento. A miséria, o desterro, a morte!

A este profundo agravo, que explica as instruções de D. Miguel I, junte-se a ofensa aos seus partidários, que se pretendem lançar na desgraça pela lei cruel dos confiscos, das indemnizações. D. Miguel I, via expulsos os jesuitas que éle infelizmente deixara entrar em Portugal, sendo esse facto, e a recusa da amnistia aos liberais, uma das causas do seu desprestígio e perda; via enxotados dos paços episcopais e das Sés, vagueando no exílio, presos nos cárceres, a muitos bispos portugueses; via vendidos ao desbarato os conventos e bens dos frades; via os presbitérios roubados e incendiados e os párocos a monte, perseguidos como feras, assassinados por todos os cantos; via o Nuncio Gustiniani embarcado, por ordem do governo liberal, a bordo de um navio que o transportava, por um decreto de expulsão de D. Pedro IV, aos Estados Pontificios; via abrir-se um scisma, que durou largos anos, entre a rialza constitucional e a Santa Sé. Como não havia de levantar-se a sua consciência perante actos que, pelo agravo á Igreja, estão muito longe daquilo que praticou a actual República? D. Miguel I não recebera, de republicanos, êsses formidaveis agravos pessoais, politicos e religiosos».

José Nunes, continuou do Liceu desta cidade, participa que por pequena retribuição e com vantagem para os interessados, se encarrega de fazer requerimentos para a matricula dos alunos no referido Liceu, no próximo ano lectivo; pagamento na tesouraria municipal das respectivas propinas de matricula; certidões do 2.º gráu, assim como certidões de qualquer classe na secretaria do mesmo Liceu.

Para os alunos de fora da cidade que queiram utilizar-se deste serviço e que também mandem procuração para a assinatura do termo, podem remeter os documentos em carta registada, assim como a importância para a matricula em vale do correio.

O referido continuo pode ser procurado todos os dias úteis na secretaria do Liceu, desde as 10 às 16 horas, ou na sua habitação largo Dr. Alberto Sampaio, 14, depois destas horas.

O exército movimenta-se

A escola de repetição de infantaria 20

O amanhã desta nascente República tem de ser como se deseja—esplendoroso, fecundo, produtivo, abrindo caminhos novos para novas conquistas que marquem por forma destacante o avanço progressivo dum povo que poz na liberdade a sua melhor esperança de redenção.

Confessêmos, todavia, que é bem difícil o percurso da senda que somos obrigados a trilhar para alcançarmos a realização do nosso ardente desejo.

E' que, se uma parte da população portuguesa, sem dúvida a mais culta, formando por assim dizer a ala da aristocracia intelectual, almeja com decidido empenho a radical transformação dos nossos costumes, outra parte deseja permanecer, tímida e receiosa, adentro do acanhado âmbito onde desde a meninice aprecia o fruto venenoso dos preconceitos, que lhe embrutecem o cérebro e tismam a alma...

Mas, infelizmente, a caravana que conduz o facho do progresso ainda tem que defrontar-se com um inimigo bem mais perigoso do que aquêle que forma a parte da sociedade a que aludimos e que vive do preconceito.

Esse inimigo, posto que integrado nessa parte pôdre do nosso corpo social, constitue um terceiro pelotão, que cumpre distinguir, pois a verdade é que ha quem seja fanático, atrazado, por sincera devoção e há quem finja que o é para melhor se governar e viver.

Este miserável pelotão — matilha, espécie de guarda-avançada do exército do Mal, afaga não sabemos que ideia, preconiza não sabemos que sistema, com um único intuito: retardar ou impedir, se tanto lhe fôr possível, a marcha dos que generosamente se propõem fazer com que este povo volte a ser o que foi naquêles tempos em que a suprema felicidade nos sorria, merecendo por isso a mais carinhosa admiração e o respeito do mundo inteiro.

Porém, todas as dificuldades hão de ser vencidas porque nós queremos, custe o que custar.

A criminosa inacção, a que nos condenára a monarquia, havemos de combatê-la á outrance, tornando-nos fortes e vigorosos bastante para conservarmos intacto o solo querido da Pátria e afirmarmos dentro dêle que não nos repugnam, antes nos são gratas, as conquistas de caracter social atinentes à perfeição desta massa de povo que é dotado dos mais generosos instintos e por isso propenso para realizar tam bela obra.

Não são descabidas estas nossas considerações no momento actual.

Toda a imprensa se refere agora, dum modo bem significativo e honroso para o paiz, ás manobras militares que se estão realizando por toda a parte, com o intuito de preparar convenientemente o exército para a defeza da Pátria, se porventura o estrangeiro tentar um dia transpôr as nossas fronteiras.

Não sofrêmos—e ainda bem!—de militarite aguda e estamos certos de que nenhum português haverá que tenha a veledade de supor que esta preparação do exército se destina a outra cousa que não seja a defeza de Portugal no caso de alguém ousar roubar-lhe a independência de que justamente gosa. Mas a verdade é que nos sentimos felizes por vêrmos que o exército, democratizado como está, se associa por forma brilhante à aspiração de

progresso que hoje se mantem claramente numa grande parte da classe civil.

Foi por isso mesmo que quize-mos presenciar

A abalada da escola de repetição do regimento de infantaria n.º 20.

São quasi 16 horas do dia 9 de Setembro. O sol ainda arde como se estivessemos em meio dêste dia que, como os anteriores, se apresentou intensamente calmoso, verdadeiramente criador.

Em frente ao velho quartel de infantaria 20 estaciona uma enorme multidão de povo que quer presenciar o desfile dos valentes soldados, todos de aspecto sadio, figuras simpáticas de moços enérgicos que jubilosamente pagam à Pátria o seu tributo de sangue.

Na lufa-lufa dos preparativos para a jornada que vão empreender, todos se mostram sorridentes, com o ar satisfeito de quem coopera numa bela obra de patrióticos intuitos.

Ouve-se como que uma viva chalreada, em que o desprendimento por tudo quanto a vida tem de amargo iguala o desprendimento das crianças quando veem da escola, finda a lição.

Serve-se um rancho na paráda exterior do quartel, e, terminada esta refeição, ouvem-se os clarins que tocam a reunir.

Imediatamente todos estão a postos. E, feitas algumas evoluções destinadas a pôr em ordem de marcha os 3 batalhões de que se compõe o regimento, na força de 600 homens aproximadamente, comandando o 1.º batalhão o sr. major Caria, o 2.º o sr. major Soto-Maior, e o 3.º o sr. major Afonso Mendes, surge à frente da escola o comandante do regimento, sr. tenente-coronel Jacques Froes, que se dirige em breve discurso aos soldados, manifestando-lhes o desejo que tem de que todos se portem correctamente, como é mister para honra do regimen e para que êle comandante não haja de ser forçado a aplicar penas disciplinares a quando do regresso da escola ao seu quartel.

Se tal tivesse de acontecer, sentir-se-ia profundamente maguado, mas confiava em que os seus soldados, posto que ainda novos, saberiam cumprir os seus deveres por fôrma a só merecer-lhe elogiosas referências.

Em seguida partiu o regimento pelas ruas do Conde D. Henrique, 31 de Janeiro e Francisco Agra, entrando na estrada de Braga por onde se dirigiu para a freguesia de Esporões, para ali bivacar, seguindo depois, como nos informam, para Vila-Vêrde, Vieira, etc.

O regresso fôr-se à por Arosa e S. Torquato, devendo chegar o regimento a esta cidade no próximo domingo.

Acompanhavam a escola, além de outros officiais, o provisor, tenente da Administração Militar sr. Carlos Carrilho Quinteiro, e o alferes-médico sr. Matrêças Ferreira.

A companhia de depósito do regimento, que ficou no quartel, é composta dos srs: tenente Mendes Norton, 2.º sargento Teixeira da Silva, 2 cabos e 12 soldados.

Toda a gente notou com pesar a falta que faz à frente do regimento a respectiva banda de música.

Isto de marchar a toques de clarim e rufos de tambor é extremamente... prosaico!

FRANCISCO DE FARIA

Solicitador encartado

Mudou o seu escritório para a rua Dr. Avelino Germano, n.º 15 (antiga rua de S. Paio)—Guimarães.

ANÚNCIO INTERNATO MUNICIPAL

(Adjunto ao Liceu Nacional de Guimarães)

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Guimarães:

Faz público que, no dia 16 de Outubro, se reabrirá junto do Liceu, o Internato Municipal que substituiu o extinto Seminário. Pelas suas vantagens muito especiais, talvez exclusivas, este internato é hoje, incontestavelmente, um modelo de casas de educação. O edificio, o ex-convento de Santa Clara, é vastíssimo e está magnificamente modernizado. O Liceu funciona nas amplas salas do rés-do-chão, o que é de sumo alcance para a saúde e para o aproveitamento literário dos colegiais. O local é sadio e a água excelente e abundantíssima. Tem bons recreios, tanto ao ar livre, como abrigados. O balneário, quasi novo, é uma instalação que nada inveja às melhores. Possui uma boa rede de lampadas electricas. A alimentação é inexcedivelmente boa e igual para todos. As excelências do lado material e escolar são completadas com a moderna educação sportiva e, sobretudo, com uma elevada educação civica e moral, merecedora duma confiança plena da parte das famílias. Um médico velará assiduamente pela conservação da saúde dos educandos. As prestações são outra vantagem que as famílias devem considerar, sendo a anualidade escolar apenas de 100\$000 réis, por hospedagem. A inscrição dos alunos faz-se desde já, na secretaria da Câmara Municipal, onde tambem se fornecerão programas e esclarecimentos, tanto verbalmente, como pelo correio.

E, para constar, se publica o presente. Guimarães, Secretaria Municipal, 5 de Setembro de 1912. E eu José Maria Gomes Alves, Escrivão da Câmara o escrevi.

O Presidente,

Mariano da Rocha Felgueiras.

EDITAL

(1.ª Publicação)

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal do concelho de Guimarães

Faz público que na Secretaria Municipal se acha em exposição pelo prazo de 10 dias, a contar da data dêste, o 3.º orçamento suplementar ao ordinario do corrente ano, pelo

que nos precizos termos da lei, convida todos os municipes e demais interessados a virem aqui vêr e examinar o aludido orçamento, e, dentro do praso legal apresentarem as reclamações que tiverem por conveniente fazer afim de terem o devido destino.

E para todos os fins legais, se publica o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos logares do costume e estilo.

Guimarães, Secretaria Municipal 11 de Setembro de 1912.

O Escrivão da Câmara,

José Maria Gomes Alves,

Verifiquei.

O Presidente da Comissão,

Mariano da Rocha Felgueiras.

EDITAL

(2.ª Publicação)

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Guimarães, faz público:

Que em sessão ordinária realizada no dia 20 do mês corrente, foi tomada a seguinte

Deliberação

“Convidar, por meio de editais, todos os donos de jazigos, mausoléos etc. existentes no cemiterio público municipal desta cidade, a procederem a sua limpeza, pintura de portas e grades e avivamento das letras, como preceitua o § 2.º do artigo 20 do respectivo regulamento, dentro do praso de 30 dias.”

Findo este praso proceder-se-ha nos termos da lei.

E, para constar e mais efeitos legais se publica o presente e outros de igual teor nos logares do costume e estilo e ainda em um jornal da terra.

Guimarães, Secretaria Municipal 26 de Agosto de 1912.

O Escrivão da Câmara,

José Maria Gomes Alves,

Verifiquei.

O Presidente da Comissão,

Mariano da Rocha Felgueiras.

EDITAL

(2.ª Publicação)

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal do concelho de Guimarães

Faz público que no dia 1.º de Outubro dêste ano, pelas 12 horas, se procederá à arrematação, por propostas em carta fechada, do exclusivo da venda de carnes provenientes de gado bovino, lanígero e caprino, pelo tempo de dois anos, a contar do dia 1.º de Janeiro de 1913, na povoação das Caldas de Vizela e freguesias de Moreira de Cónegos, Lordelo, Tagilde, S. Faustino, S. Paio e Infias, conforme as condições que se acham patentes na secretaria municipal.

Os concorrentes deverão dirigir as suas propostas em carta fechada ao presidente da Comissão Administrativa do

Município, que serão abertas no dia acima prefixado em sessão pública, comparecendo no acto da praça para depositarem em mesa a quantia de 100\$000 réis, nos termos das condições que se acham patentes.

E para todos os fins e efeitos legais se publica o presente e outros de igual teor, nos logares do costume e estilo, e ainda pela imprensa.

Guimarães, secretaria municipal, 26 de Agosto de 1912.

O Escrivão da Câmara,

José Maria Gomes Alves,

Verifiquei.

O Presidente,

Mariano da Rocha Felgueiras.

EDITAL

(2.ª Publicação)

A Câmara Municipal deste concelho de Guimarães

Faz saber que no dia 17 do próximo mês de Setembro, pelas 12 horas, nos Paços do Concelho, tem de arrematar-se em hasta pública a continuação da obra de prolongamento da rua de Paio Galvão, desta cidade, que consiste na regularização de terreno, respaldamento, capeamento e coroamento com parapeito do muro de suporte, assentamento de guia para os passeios, construção dos canos de esgôto necessários e respectivas bôcas de lôbo, e, finalmente, na calcetaria de toda a rua, sob a base de licitação de 480\$000 réis.

As condições estão patentes na secretaria da câmara para serem examinadas pelos interessados.

E para constar se passou o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos logares mais públicos.

Paços do Concelho de Guimarães, aos 24 de Agosto de 1912. E eu José Maria Gomes Alves, Secretário da Câmara o subscrevi.

O Presidente,

Mariano da Rocha Felgueiras.

Arrenda-se

A casa n.º 87 da Rua da Liberdade. Renda—30\$000 réis.

MALAS

Mais de cem malas em depósito se encontram à venda no estabelecimento de fazendas de Camilo Larangeiro dos Reis, ao Tournal n.º 1, 2 e 3.

Malas de mão desde 1\$000 réis a 7\$500 réis.

Malas com um taboleiro desde 1\$600 réis.

Malas em lona, folha, corneira e couro para diversos preços até 22\$000 réis.

Malas-sacos, correias de viagem etc.

A PRODUTORA VIMARANENSE
Sociedade Cooperativa das Quatro Artes de Construção Civil — Responsabilidade Limitada
 Rua 31 de Janeiro — **GUIMARÃES**

Esta sociedade operária encarrega-se da execução de quaisquer trabalhos concernentes às artes de pedreiro, carpinteiro, caiador e pintor, para os quais dispõe de pessoal habilitadíssimo, como na prática se há demonstrado, resultando desta circunstância e da seriedade nos diversos trabalhos, grande economia para os Snr. proprietários das obras, atendendo às vantagens de que gozam as Sociedades Cooperativas.

Na sua oficina executam-se quaisquer trabalhos avulsos e a **preços módicos.**

Sapataria Vimaranense
 — DE —
António José Mendes
 5, Rua Dr. Avelino Germano, 9 (Antiga Rua de S. Paio)
GUIMARÃES

Nesta oficina faz-se e encontra-se um grande sortido de calçado, como: botas para homem, com solas de borracha, ditas de «estar-calf» para homem, em preto ou de côr, ditas de bezerro, preto ou branco, ditas de «chevraux» preto para senhora e um enorme e variado sortido de calçado de luxo para criança, etc., etc.

Ao Chic da Moda

DE

Camilo Alves de Almeida

12, P. D. Afonso Henriques, 13 (Antigo Toural)

GUIMARÃES

Modas, fazendas brancas e miudezas. Especialidade em panos brancos, rendas e bordados para enxovais. Chá preto e verde.

PROSPERIDADE
 Companhia de Seguros e Reseguros
 PORTO
 Agente em Guimarães: **ANTÓNIO JOSÉ PEIXOTO DA COSTA**

DINHEIRO
 Empréstase sobre penhores na casa penhorista da Rua das Lamelas, n.º 39 a 41 (junto ao tribunal desta cidade), a juro barato. Seriedade e segredo.
 O proprietário,
João Vellozo de Araujo.

DROGARIA MODERNA
 DE
Fernandes Guimarães & Irmão
 78, Rua da República, 80
 (ANTIGA RUA DA RAINHA)
GUIMARÃES

Papeis pintados para forrar casas

Estabelecimento de vidraria e ceriaria, óleos, tintas, vernizes, vidros, cera em velas e muitos outros artigos pertencentes ao mesmo ramo

Abílio d'Almeida Coutinho 113, Rua da República, 115
 Solicitador encartado Guimarães

Tem sempre capitais para colocar sobre hipotecas ou letras.
 Compra e venda de papeis de crédito, mediante uma diminuta percentagem sobre as cotações da Bolsa do Porto.

Compra e venda de prédios urbanos e rusticos, para o que há sempre pretendentes. Transacções sobre direitos e heranças.

Sobre todas estas operações, de que está encarregado, **guarda-se segredo profissional**, tratando-se sómente com os interessados.

Camilo Larangeiro dos Reis
TOURAL

Sortido completo em lanificios
DEPOSITO DE MALAS
VINHOS BRANCOS ENGARRAFADOS

ALVORADA
 SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assinatura		Preço das publicações	
Ano	1\$200 rs.	Anuncios e comunicados, por linha	40 rs.
Semestre	600 "	Repetição, por linha	20 "
Brazil, ano (moeda forte)	2\$500 "	Permanentes, contracto convencional.	
Número avulso	30 "	Anuncios, não judiciaes, para os srs. assinantes 25 % de abatimento.	

ALVORADA

Ao Cidadão